

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda Santa Thereza

código
AIII-FO1-Pir

localização
Estrada Florentino Ávidos Filho, s/nº, Serra do Matoso, 2º distrito

município
Pirai

época de construção
século XVIII – em sua primeira metade (já existia na época da expulsão dos jesuítas, em 1759)

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
veraneio / fazenda de cana-de-açúcar e café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda Santa Thereza, fachada principal

coordenador / data **Mauro Ávila Reis / abr 2009**
equipe **Mauro Ávila Reis, Fabiano Rodrigues da Silva (levantamento de campo)**
Annibal Affonso Magalhães da Silva (finalização ficha de campo)
histórico **José Maria Campos Lemos**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

A Fazenda Santa Thereza está localizada no topo da Serra do Matoso, na divisa entre os municípios de Pirai e Itaguaí, distante cerca de 80 km da cidade do Rio de Janeiro. O acesso se dá tanto pela antiga Rio-Santos, quanto pela rodovia Presidente Dutra (BR-116). Na localidade denominada Raiz da Serra, na altura do Belvedere da Viúva da Graça, próximo a Itaguaí, toma-se a Estrada dos Caçadores, cujo leito ensaibrado encontra-se em bom estado de conservação. Seguindo logo adiante, pela estrada de terra Florentino Ávidos Filho, que leva à localidade de Três Vendas, chega-se à Fazenda Santa Thereza.

A paisagem no entorno da fazenda é rodeada por morros meia laranja, com pastos bem cuidados. Observa-se, em alguns trechos pontuais, remanescentes de espécies nativas, preservadas pelos atuais proprietários, desde a sua aquisição (f01 e f02). A entrada da fazenda fica à beira da estrada, após a ponte que cruza o córrego, local onde permanecem alguns blocos de pedra oriundos do antigo portão. Conforme se percebe pelos furos dos batentes, essas pedras foram deslocadas de seu lugar de origem, durante as inúmeras obras de manutenção da estrada.



01



02



03



04



05

A casa-sede está situada logo à direita e, através da porteira de sua entrada particular, avista-se a fachada principal em meio à vegetação (f03). O caminho é calçado com pedras arredondadas, desviando-se da frente da casa e seguindo pela fachada lateral direita, onde existe uma escadaria de pedras e, mais aos fundos, uma rampa para a parte de serviços.

Nesse trecho existem duas construções recentes, que abrigam uma queijaria (f04) e um curral (f05). Segundo os proprietários, ali ficavam as demais edificações de apoio a produção cafeeira – tulhas, engenho e senzalas. Porém, não foi encontrado nenhum vestígio das mesmas. Pela lateral, subindo o morro, destaca-se uma concentração de mata secundária em regeneração.

Delimitando o perímetro do terreno onde a casa foi implantada, observa-se uma murada de pedra que toma a forma de um retângulo (f06). Está área corresponde ao local onde ficavam os antigos terreiros de café, atualmente ocupada por um amplo pomar gramado (f07 e f08). Uma vala retilínea faz a drenagem desses espaços (f09) e se estende pelo sítio, delimitada por uma murada baixa em cantaria e arrematada no topo por lajes de pedra (f10), mantendo ainda seus bicames (calhas de condução de água) (f11). Uma antiga escadaria de acesso também resiste ao tempo (f12), tendo o córrego passado por uma dragagem e seguindo, agora, reto e paralelo à murada (f13).

A estrada atual dividiu o terreno, antes delimitado pela murada, em duas partes, notando-se que ela continua do outro lado do córrego dragado. No trecho desmembrado, foi construída uma nova residência. A antiga murada segue fazendo a contenção do córrego, até fazer um ângulo de 90 graus, fechando os espaços antes ocupados pelos terreiros de café (f14).



06



07



08



09



10



11



12



13



14

A casa-sede apresenta-se num bloco único, que se desenvolve a partir de uma planta retangular com pátio interno. Está assentada sobre um porão de altura mediana, construído em alvenaria de pedra, mantendo seteiras para sua ventilação (f15). Segundo informações, estas seteiras em particular – comuns na arquitetura militar para vigia e visada de tiro – teriam sido utilizadas nesta fazenda como proteção do posto de guarda, inicialmente contra ataques dos índios e, após a abertura e utilização do Caminho das Minas, contra investidas que interceptavam os carregamentos que passavam em direção à cidade do Rio de Janeiro. Há, ainda, neste porão, sob a escada de acesso principal, duas pequenas aberturas para acesso a seu interior.

Acima do porão assenta-se a parte residencial. A fachada principal apresenta uma composição valorizada pelo ritmo e simetria de suas aberturas em arco abatido, com ombreiras pintadas em azul, cujos vãos predominam sobre a massa opaca das paredes pintadas de branco (f16). Os vãos dessas janelas e portas, aproveitando-se da espessura das paredes de pedra, internamente abrem-se em grau, formando chanfros na diagonal.



15



16

A entrada principal se faz por uma escadaria com lances laterais opostos (f17), colada ao corpo da casa (f18). Este conjunto de escadas possui três aberturas retangulares na base, sendo a verga central levemente arqueada, em pedra trabalhada em relevo, com motivos geométricos (f19). Seu guarda-corpo em ferro é fixado nas extremidades por pilaretes de pedra. A porta principal, situada no centro da composição, abre-se em duas folhas e é arrematada por um arco em canga de boi. Ladeando-a, quatro janelas em semi-arco, resguardadas por sobreverga de alvenaria.



17



18



19

Essas janelas possuem fechamento duplo, com guilhotinas de vidro externas e folhas de abrir em madeira cega para o interior (f20).

Os cunhais fazem o arremate das extremidades, a base é constituída por um soco que se eleva até o nível do piso, seguindo depois num fuste com relevo contornado por leques de canto e com o símbolo jesuítico no centro (f21). Este detalhe decorativo repete-se nas duas pilastras que formam um relevo no plano da fachada frontal (f22).

Ambas as fachadas laterais mantêm o ritmo das aberturas e o mesmo modelo de esquadrias da fachada principal. A lateral direita possui, no seu primeiro módulo, um pano cego, devido à localização da capela (f23). Nesta fachada, estão duas entradas (f24): uma quase ao centro, com acesso por escada com degraus e arranques de pedra talhados em ricas volutas (f25 e f26). A outra fica na extremidade, possuindo, à sua frente, uma rampa em lajeado de pedra, capaz de suportar um carro (f27).

A fachada de fundos possui uma parte cega sem aberturas, tomada por uma espécie de trepadeira. O trecho vazado dessa fachada é sustentado por pilares de seção quadrada e possui uma escadaria voltada para os jardins (f28).



20



21



22



23



24



25



26



27



28

Uma cimalha de madeira lisa, instalada em chanfro a 45 graus, corre ao alto (f29). Sob ela assentam-se as telhas de barro, capa e bica, tradicionais das fazendas de café. Essa cobertura forma uma trama principal de ponto alto com quatro águas (f30), onde se engastam as secundárias, acrescentando mais seis águas ao conjunto. Elas protegem os blocos que circundam um pátio central descoberto, formando uma configuração final semelhante, em planta, a um “O”.

Pela porta principal, chega-se à sala de estar e, à sua direita, à capela – na verdade, um oratório em nicho embutido numa abertura em arco abatido com ombreira (f31 e f32). A esquerda da sala de estar fica a sala íntima. Os portais de acessos entre os ambientes também são em arco abatido, com bandeira na parte superior divididas em cinco quadros de vidro (f33). Aqueles que possuem fechamento contam com folhas de abrir duplas em madeira lisa, com canaleta central (f34). Algumas dessas portas apresentam as folhas com a pintura bicolor. Num lado, mantêm o azul e, no outro, são pintadas de verde bandeira (f35).

Pelo interior visualiza-se a espessura das paredes externas, que possuem aberturas em chanfro, emoldurando os vãos das portas e janelas (f36 a f38). Alguns desses vãos possuem ombreiras na cor azul, a mesma das esquadrias, ligando-se com o rodapé na base.



29



30



31



32



33



34



35



36

O piso dos ambientes é de madeira em junta cega (f39), exceto nas áreas em que eles sofreram adaptações, como nos banheiros, onde se optou pelo piso cerâmico (f40). O acesso a esses banheiros é feito através de duas circulações distintas, localizadas entre a sala íntima e a sala de jantar e entre a sala de jantar e a sala de estar. O forro em saia e camisa, pintado de branco, encontra-se conservado em alguns ambientes (f41 e f42).



37



38



39



40



41



42

Em outros, ele foi substituído por um modelo de madeira de aspecto mais contemporâneo e com encaixe macho e fêmea (f43). A sala de jantar, voltada para o pátio interno, não possui forro (f44). Este ambiente é marcado por apresentar aberturas – janelas e portas – em todas as paredes. Suas laterais estão ocupadas por quartos e as aberturas para o exterior situam-se na parede que marca o limite do corpo principal do prédio, conforme revela a espessura dessa parede e os recortes do pano da cobertura.

A partir deste ponto, a casa apresenta dois acessos. O de fundos desemboca numa varanda, com piso cerâmico, sustentada por pilares de madeira. Para ela, se abrem dois quartos com portas em verga reta (f45).

Pela fachada lateral direita, chega-se ao *hall* com piso de pedra (f46 e f47), que faz a ligação tanto para o



43



44



45



46

pátio central e cozinha, quanto para o exterior, onde uma soleira constituída pelo encaixe de duas pedras (f48) recepciona a porta de acesso, de abrir em folha cega, arrematada com bandeira em panos de vidro (f49). A cozinha (f50) foi adaptada ao ambiente e, além de contar com janelas instaladas ao alto – semelhantes a básculas (f51) – mantém um pilar de apoio estrutural quase ao centro desse espaço (f52). Externamente – faceados com a parede de divisa com o pátio central –, restaram os pilares remanescentes da época em que ali havia uma varanda (f53).



47



48



49



50



51



52



53

O pátio central possui como destaque um tanque recostado na parede de divisa com a cozinha, que possui detalhes em pedra lavrada (f54 e f55). Uma canaleta subterrânea recolhe a água servida que sai da bacia de pedra do tanque (f56 e 57).

Para este pátio, voltam-se beirais encachorrados que protegem das chuvas as esquadrias em arco abatido da sala de jantar (f58), bem como as esquadrias em verga reta da varanda (f59).

O cômodo aos fundos abriga uma varanda – que não possui forro e tem o piso cerâmico (f60 e 61) – com acesso ao jardim através de uma escadaria de pedra (f62). No seu lado direito, próximo à cozinha, foi instalado um banheiro e uma área de serviço (f63).



54



55



56



57



58



59



60



61



62



63

Edificação construída sobre porão alteado em estrutura de pedra. Sobre ele elevam-se, externamente, grossas paredes feitas com o mesmo material e técnica construtiva, sendo a argamassa em óleo de baleia. As paredes internas são em pau-a-pique (f64), com estrutura de varas verticais em madeira de seção quadrada. Estas paredes apóiam-se sobre uma estrutura de madeira constituída por barrotes, pilares, vigas e madres que lhe dão sustentação estrutural. A cobertura possui trama com peças de seção comercial contemporânea. As telhas de recobrimento apresentam a pátina natural causado pela ação do tempo.

A alvenaria externa, executada em pedra, não apresenta trincas que possam vir a causar abalos estruturais. Sobre seu revestimento, notam-se algumas manchas, sofrendo lixiviação e bolor (f65). Na parte interna é possível notar este fenômeno em alguns trechos.

O piso em madeira de junta cega encontra-se em bom estado de conservação. O mesmo vale para o forro de madeira (f66), no qual notam-se apenas pequenos pontos degradados, devido à umidade descendente (f67).



64



65



66



67

As esquadrias apresentam os portais (vergas, umbrais e peitoris) e as folhas de guilhotinas de abrir em bom estado de conservação (f68 e 69).

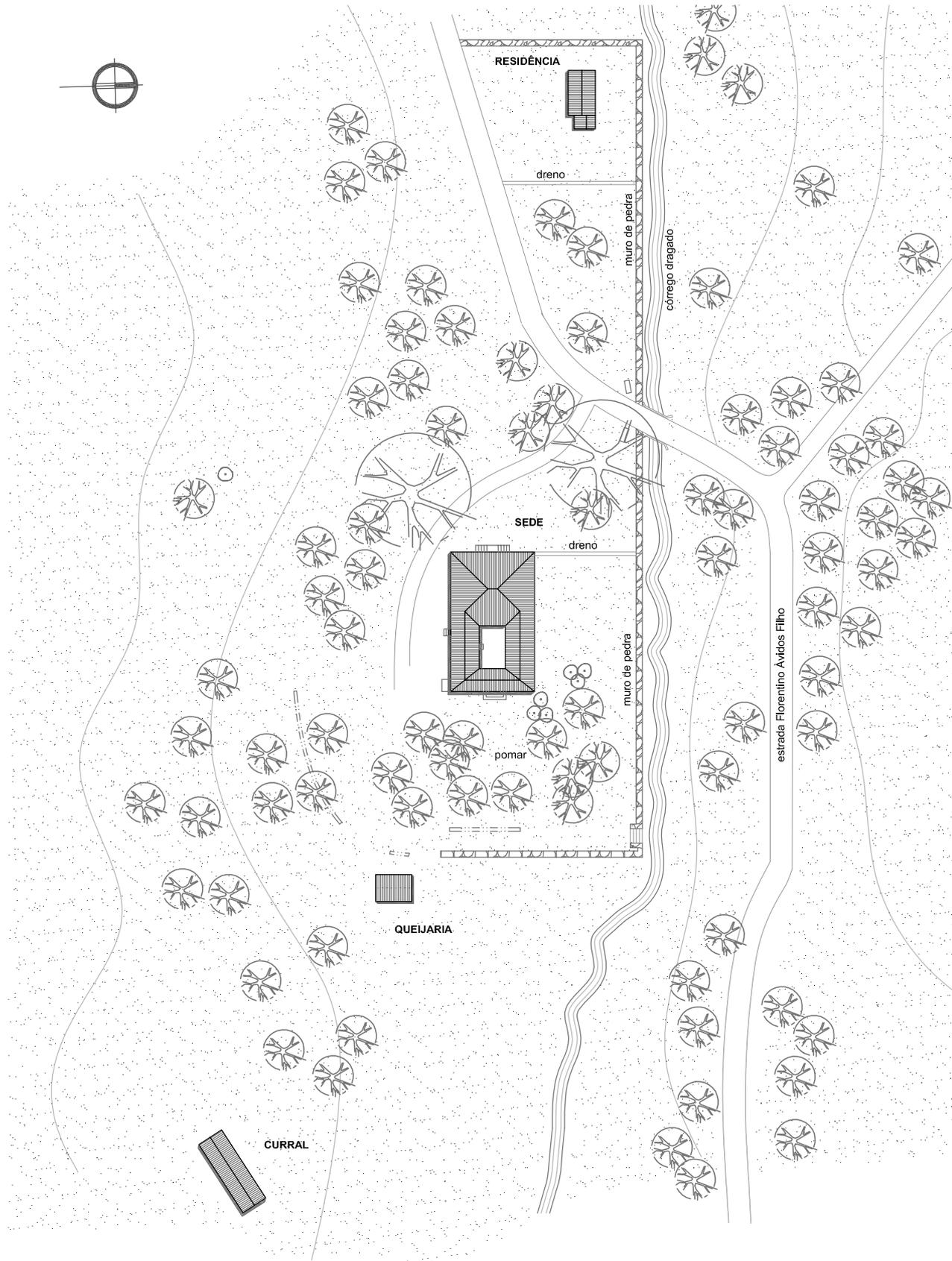


68



69

FAZENDA SANTA THEREZA

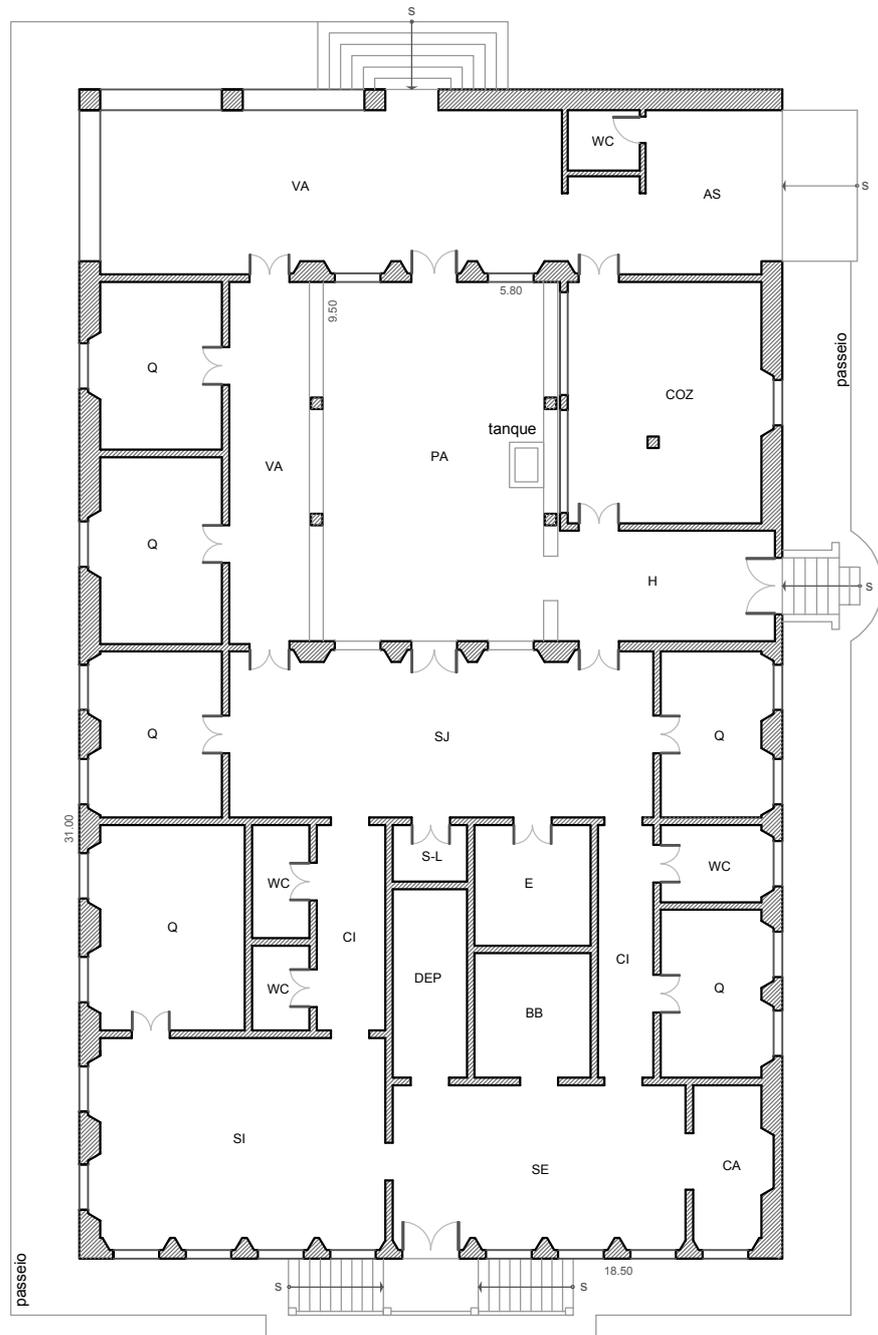


1 Implantação
escala: 1/1250



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AIII - F01 - Pir		1/2	
equipe: Mauro A. Reis / Fabiano R. Silva / Annibal Afonso M. Silva		desenhista: Annibal Afonso		revisão: Francyla Bousquet	
				data: ago 2009	

FAZENDA SANTA THEREZA



1 Planta Baixa da Sede
escala: 1/200



AS - área de serviço	CI - circulação	E - escritório	Q - quarto	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria existente
BB - biblioteca	COZ - cozinha	H - hall	SE - sala de estar	S-L - sala de louças		alvenaria demolida
CA - capela	DEP - depósito	PA - pátio	SI - sala íntima	VA - varanda		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F01 - Pir

2/2

equipe:
Mauro A. Reis / Fabiano R. Silva / Annibal Afonso M. Silva

desenhista:
Annibal Afonso

revisão:
Francyla Bousquet

data:
ago 2009

Construída em terras da Fazenda Real de Santa Cruz, a propriedade é datada do século XVIII e ficava a pouca distância da antiga Estrada dos Jesuítas, depois Estrada Real de Santa Cruz.

Em meados do século XIX, passou as mãos do português Florentino de Souza Ávidos, que chegou aqui junto com o patricio Francisco da Silveira Matoso. Daí o nome Serra do Matoso ou da Calçada, por causa do calçamento de pedra da Estrada Real. Florentino reformou-a para sua moradia e o frontispício da casa-grande marca a data de 1857, possível época da reconstrução da casa. Abrigou nos tempos áureos do café, casa-grande, tulha, paiol, engenho e senzala. A fazenda foi uma das cinco subsedes da antiga Fazenda de Santa Cruz dos Jesuítas. Em meados do século XVIII, a fazenda foi desapropriada pela coroa portuguesa, se tornando a Fazenda Real de Santa Cruz e depois, no Império, Fazenda Imperial de Santa Cruz. Na República, foi entregue ao Exército Brasileiro (Fazenda Nacional de Santa Cruz); sendo partilhada em pequenas glebas.

Em 1860, Florentino já cultivava gêneros alimentícios em sua fazenda, tais como banana, feijão, arroz, mandioca e café, que eram enviados à Vila de São Francisco Xavier de Itaguaí, à Feitoria de Santarém, bem como à Fazenda Real de Santa Cruz, pela Estrada Real. Em 1868, nasceu na fazenda o futuro presidente do Estado do Espírito Santo, Florentino Ávidos, que viria a ser, mais tarde, proprietário da mesma. Depois de anos vivendo do café, cereais e outros gêneros, veio a Abolição da Escravatura e a morte do proprietário e, assim, sem ter quem cultivasse a terra, a fazenda passou a criar gado de corte e de leite.

Com a morte de Florentino, a fazenda passou às mãos de seu filho Florentino Ávidos Filho, que, depois de formado em Engenharia, foi para o Espírito Santo, onde se tornou presidente e senador. Depois de alguns anos, Florentino arrendou as terras ao Sr. José Pinto Nel, que já possuía 25% das terras compradas ao mesmo Florentino. O restante ficou com o mesmo Florentino e seus filhos: Florentino (Tininho), Maria e Izabel de Souza Ávidos.

Por volta do ano de 1932, Florentino Ávidos se mudou para Campos, vendendo uma parte de suas terras ao Sr. Nicanor Matoso Cid. Depois de anos sendo administrada por pessoas de fora da família, em 1941, passou às mãos de seu filho Florentino Ávidos Filho (Tininho), ex-vereador no município de Pirai, que criava gado leiteiro e de corte, sendo também grande produtor de banana. A partir de 1944, passou a produzir lenha, que era vendida no Rio de Janeiro, chegando a produzir mais de 110 sacos de carvão por mês, entre 1945 e 1948.

Com a morte de Florentino Ávidos, em 1956, a fazenda que, tinha 62 alqueires em 1938, foi transferida para seu filho Tininho, com 42 alqueires em 1960. Durante os anos que se seguiram, a fazenda continuou com o gado de leite e de corte, até a morte de Tininho, quando a fazenda passou às mãos de seus filhos, Alcino Ávidos Ferreira e Regina Célia Ávidos Pinto, que, depois de algum tempo venderam-na aos atuais proprietários, que restauraram a casa-sede, que possui seis quartos, três salões, biblioteca, escritório e pátio interno com tanque de pedra, cozinha e varanda coberta com 600 m² de área construída. Atualmente possui 19 alqueires, com criação de gado de leite e corte, produção de queijos e cultivo de pomares e hortas.

Atualmente, a fazenda encontra-se em bom estado de conservação, com campos plantados e curral planejado. Possui água em abundância, nascentes e açude apropriado para banho e cultivo de peixes, além de matas secundárias, intocadas há mais de 25 anos.

Fontes

Forças Vivas da Nação - 1990

Registro de Carvão e Lenha / Prefeitura Municipal de Pirai -1945-1991

Transferência de Imóveis 1946-1961 / Prefeitura Municipal de Pirai

Recenseamento do Brasil – *Relação dos Proprietários dos Estabelecimentos Rurais Recenseados no Estado do Rio de Janeiro* – 1923

Cartas de Florentino Ávidos ao Prefeito Municipal de Pirai, de 12 de abril de 1932 e 18 de junho de 1934 (cx. 01 – Política Municipal) - Arquivo Municipal de Pirai

Planta da Imperial Fazenda de Santa Cruz 1899

Mapa da Reconstituição das antigas Divisas entre os municípios de Pirai e Itaguaí

www.fazonline.com.br/imoveisrurais

www.chisimoveis.com.br/detalhes

Almanak Laemmert 1878

Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro – anos de 1855 à 18...

Livro de Taxas de Serviços Rurais 1938-1946